



**III CIFA**  
COLÓQUIO INTERNACIONAL  
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:  
"TRABALHO, GÊNERO E SUSTENTABILIDADE"

## TEXTO SÍNTESE DO GT 5 FEMINISMOS, AGROECOLOGIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Mônica Vilça<sup>1</sup>, Raquel Oliveira Lindoso<sup>2</sup>, Ana Dubeux<sup>3</sup>, Alzira Medeiros<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [monicavilaca2@yahoo.com.br](mailto:monicavilaca2@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, [raquel.lindoso@yahoo.com.br](mailto:raquel.lindoso@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, [anadubeux66@gmail.com](mailto:anadubeux66@gmail.com)

<sup>4</sup> Rede de Educadores/as Populares em Economia Solidária de PE e Incubadora de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP – UFRPE, [alziramedeiros@gmail.com](mailto:alziramedeiros@gmail.com)

### Apresentação

O presente texto objetiva apresentar a síntese dos trabalhos recebidos para participação no Grupo de Trabalho (GT-05) intitulado de “Feminismos, Agroecologia e Economia Solidária”. O GT-05 possui uma coordenação coletiva e autogestionária, formada por ativistas e pesquisadoras que entendem a academia como lugar de disputa e intervenção. No movimento de descolonização dos saberes, o trânsito entre a academia e os movimentos sociais ocupa centralidade. Daí o foco no GT-05 nos possíveis encontros entre o feminismo, a agroecologia e a economia solidária ancorados em perspectivas teóricas e metodológicas que buscam romper com as fronteiras ficcionais do que é entendido como esfera pública e privada; trabalho e não trabalho; monetário e não monetário.

O objetivo central do GT-05 foi perceber em que medidas as relações estabelecidas no trabalho e na economia contribuem, a partir das análises acadêmicas e das práticas sociais, para as transformações operadas na realidade: das relações sociais de gênero; das dinâmicas feministas; do resgate da noção de comum enquanto bem e princípio político, além da problematização das fronteiras do trabalho produtivo e reprodutivo.

Neste GT recebemos dezessete artigos, destes, dois foram rejeitados, visto que não houve diálogo entre os textos e as questões teóricas, metodológicas e empíricas que estruturam o objetivo central do GT-05. E os quinze textos aprovados trataram de experiências das regiões do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, especificamente dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Somam-se também experiências latino-americana e europeia, nomeadamente da Colômbia e da Itália.

Os textos compartilham relatos de experiência, resultados de projetos de pesquisa ou extensão em curso, ou concluídas, relatórios de visitas e de ações desenvolvidas por organizações. Também é importante ressaltar que esta produção advém de estudantes, professoras e professores e técnicas de organizações que têm concentrado suas trajetórias em torno das temáticas que orientam este GT. Embora o GT-05 tenha proposto a articulação entre feminismo, agroecologia e economia solidária, a maioria dos textos recebidos não costurou a articulação entre as três temáticas, já que os textos que se propuseram ao diálogo entre feminismo, agroecologia e economia solidária, o fizeram de maneira bastante frágil. Assim, recebemos textos que trazem experiências de trabalho no campo, em sua maioria protagonizada por mulheres, porém, uma parte deles traz algumas reflexões e aportes sobre a agroecologia e outros sobre a economia solidária.



## O Feminismo na articulação do olhar

O ponto de partida nesta síntese quanto às contribuições e limites dos trabalhos refere-se à centralidade dada ao Feminismo neste GT. Esta centralidade apresenta-se a partir de duas questões: a primeira questão seria a busca por trabalhos que destacassem o **protagonismo** das mulheres nas experiências estudadas; A segunda questão apresentava um convite a olhar estas experiências **a partir das contribuições teóricas** advindas das rupturas, denúncias e reconstruções analíticas propostas pelos conhecimentos **produzidos pelas mulheres e pelo feminismo**. O feminismo assumiria, portanto, o papel de articulação do diálogo com a economia solidária e a agroecologia.

Em sua maioria, os textos apresentados trazem experiências com foco no protagonismo das mulheres, pois, mesmo aqueles que não evidenciaram o ponto de vista das mulheres, compartilharam experiências de extrema riqueza empírica e/ou analítica quanto à agroecologia e à economia solidária. De forma geral, no entanto, identificamos algumas fragilidades quanto a provocação de se olhar as experiências a partir de teorias e conhecimentos das mulheres e dos feminismos. Dessa forma, estabelecemos como prioridade, neste texto-síntese, problematizar as escolhas referenciais da economia solidária e da agroecologia a partir das contribuições trazidas pelo feminismo e pelas práticas das mulheres.

É evidente que, em grande parte das experiências de transição agroecológica, as mulheres tenham assumido protagonismo e liderança face ao restante da família, o que gostaríamos de problematizar. Por que isso acontece? O que isso implica em termos da divisão do trabalho nas famílias que fazem essa opção? O que os trabalhos indicam é que este protagonismo provoca uma complexificação das experiências de trabalho das mulheres. Este protagonismo em termos da transição agroecológica está intrinsecamente ligado aos diferentes lugares de trabalho de homens e mulheres e à proximidade das mulheres dos trabalhos de cuidado com a família e a comunidade.

O trabalho doméstico e nos quintais realizado por elas ainda é de forma invisível, apesar de passarem a possuir novos significados a partir de ações cooperadas ou associadas de beneficiamento ou comercialização em feiras; da solidariedade com a guarda das sementes crioulas; da defesa da biodiversidade como bem comum, geram, por vezes, uma sobrecarga para essas mulheres que acrescentam, a uma carga de trabalho já pesada, as inovações propostas de transição agroecológica.

Ao evidenciar a maneira como as mulheres ressignificam o trabalho doméstico, oportuniza-se olhar para a potência dos quintais produtivos (ao redor de casa) como espaço de experimentação inovadora de tecnologias sociais e resgate e valorização do saber ancestral e tradicional, inclusive sobre saúde e cuidados.

Uma parte dos textos teve uma grande dificuldade em articular os dados empíricos apresentados com a análise teórica, além de não utilizar os referenciais da ciência feminista. Assim, questões que envolvem o lugar do trabalho reprodutivo, do trabalho de cuidados, da produção de alimentos na família e na comunidade, bem como a inserção das mulheres no espaço produtivo e no acesso à renda, o que configuraria autonomia para as mulheres. Questões que os dados empíricos apresentaram, mas foram pouco debatidos ou negligenciados.

Portanto, visibilizar as práticas de trabalho das mulheres revela uma esfera da vida necessária que tem suportado as contradições produtivas e éticas do modelo de organização capitalista e patriarcal, o que

aponta para a urgência da inversão de lógicas de organização de produção e necessidades<sup>1</sup>. Assim, diversos trabalhos estabelecem aspectos importantes que contribuem para alargar as críticas produzidas pela economia feminista ao discutir a busca das mulheres por outras formas de produzir, os sentidos atribuídos a sociabilidade nos espaços de trabalho, a recuperação de aprendizados e a defesa das sementes e territórios.

Estes dois últimos elementos indicam uma importante reflexão na articulação da agroecologia e da economia solidária. Aparentemente as mulheres têm provocado um debate público em torno das relações ser humano e natureza ao refletirem sobre o patriarcado como elemento político de opressão. Isto significa ressignificar o território e suas relações naturais e sociais, elemento fundamental para a construção dos feminismos e das economias baseadas na reciprocidade protagonizadas pelas mulheres.

Um segundo aspecto se refere ao lugar das resistências produzidas nos cotidianos pelas mulheres e à identificação das diversas expressões do feminismo. Se feminismo traduz-se em lutas, enfrentamentos, teorias e práticas elaboradas por mulheres para a superação das condições históricas de desigualdade a que se veem submetidas, é necessário perceber que as mulheres são diversas e suas vidas produzem feminismos diversos. É necessário, também, desencaixotar as experiências feministas que encontramos para que possamos compreender as questões que enfrentam e como elas concebem a resistência. Por consequência, vemos o feminismo negro, o feminismo popular, o feminismo comunitário apontando esta pujança nas resistências das mulheres, e aqui vemos o lugar que assume o cotidiano enquanto lugar de resistência e de produção de novas estratégias de organização feminista<sup>2</sup>.

### **A Agroecologia e a Economia solidária a partir das mulheres**

Ao olhar para o conjunto dos textos, a principal referência utilizada para discutir a economia solidária é Paul Singer, a partir do qual refletem a economia solidária como alternativa para o desemprego e para a estratégia de enfrentamento da exclusão como forma de construir associação entre 'iguais' a partir de princípios políticos, como a solidariedade econômica e a autogestão, a economia solidária como uma experiência de trabalho geradora de saberes e práticas tornando-se um mecanismo de educação para trabalhadoras e trabalhadores.

---

<sup>1</sup> Esta é uma problematização realizada pela Economia Feminista que propõe refletir a cisão da esfera pública e privada com o não reconhecimento dos trabalhos doméstico e de cuidados realizados na esfera privada e essenciais a produção da vida. Ver: CARRASCO, C. La economía feminista: una apuesta por otra economía. In: VARA, M. J. (org.) **Estudios sobre género y economía**. Madrid : Ediciones Akal, 2006. CARRASCO, C. Introducción: hacia una economía feminista. In: CARRASCO, C. (org.) **Mujeres y economía**. 2ª ed. Barcelona: Icaria Editorial, 2003. GAVÍRIA, L. MOLINIER, P. El cuidado como ética y como trabajo. In: \_\_\_\_\_(ORG.) **El trabajo y la ética del cuidado**. Medellín: La Carreta Social y Escuela de Estudios de Género, 2011. OROZCO, A. P. CALDERÓN, A. A. **Economía feminista: viva, abierta y subversiva**. In: Dossieres ESF, nº 29, 2018

<sup>2</sup> Sobre a produção do cotidiano e as estratégias de organização feminista: ÁVILA, B. Vida Cotidiana: um desafio teórico e político para o feminismo. **Cadernos de Crítica Feminista**. Recife, dez 2009, nº 2, p. 44-78. Sobre o feminismo negro: DAVIS, A. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016. RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Sobre o feminismo comunitário: PAREDES, J. **Hilando fino**: desde o Feminismo Comunitário. La Paz: Comunidad Mujeres creando Comunidad, 2010. Sobre o feminismo popular: SILVA, C. **Feminismo Popular e lutas antissistêmicas**. Recife: SOS CORPO, 2016.



Ao mesmo tempo, ao olharmos para a economia solidária a partir das experiências compartilhadas, vemos que questões como a busca por novos lugares de sociabilidade, de novos sentidos para o trabalho, de enfrentamento das desigualdades estabelecidas pela divisão sexual do trabalho, proteção de sementes e redefinição de territórios assumem uma centralidade nas motivações para a organização coletiva. As experiências das mulheres, em particular, do campo, parecem alargar as possibilidades de compreender a economia solidária reivindicando uma economia que, para além de estratégia de fuga ao desemprego ou da resposta à exclusão, aproxima-se das compreensões da economia feminista, como uma economia que recupera e dá centralidade a vida em sua organização e dinâmica<sup>3</sup>.

Assim, é fundamental problematizarmos o próprio trabalho do Singer no sentido dado à economia solidária a partir das interfaces que se estabelecem com a agroecologia nas experiências das mulheres: Que economias surgem a partir desta interface? Qual o lugar do monetário e do não-monetário nestas economias? Em que medida a reciprocidade encontrada nas experiências econômicas coletivas das mulheres podem ser elementos de força para a construção de uma nova compreensão sobre os territórios em sua relação com os ecossistemas naturais? A partir daí, como podemos definir “o econômico” numa ótica feminista? Isto implica em ressignificar a partir das contribuições do feminismo e das experiências das mulheres a relação com a agroecologia e a economia solidária. Além disso, ao protagonizarem a transição, elas acabam influenciando a família no sentido de estabelecer uma outra relação com a natureza, a partir da perspectiva agroecológica.

## Metodologia

As opções metodológicas dos trabalhos são diversas e apontam preocupações quanto a utilização de referenciais que compreendam o protagonismo das interlocutoras nos processos de investigação. Em alguns textos deparamo-nos com confusões quanto a pesquisa-participante e a pesquisa-ação, e esta confusão desdobra-se nos instrumentos e ferramentas utilizados na operacionalização da pesquisa. A pesquisa-participante estabelece para o/a pesquisador/a o compromisso com a problematização e a construção de uma apropriação junto a suas interlocutoras dos processos de pesquisa. A pesquisa-ação estabelece o compromisso do/a pesquisador/a em construir processos que busquem incidir em problemas identificados pelas/os interlocutoras/es envolvidas/os.

As metodologias e os referenciais epistemológicos para a investigação são um aspecto importantíssimo para o diálogo neste GT-05. Se considerarmos que estamos propondo olhar para experiências de mulheres que atuam na construção de novas possibilidades de organização econômica contribuindo com novas formas de organização política, é necessário pensar quais estratégias utilizaremos para abordar estas realidades, na medida em que as contribuições da epistemologia feminista e da pedagogia feminista<sup>4</sup> refletem sobre as condições necessárias para a construção destes saberes de forma

---

<sup>3</sup> Aproxima-se, desta perspectiva CORAGGIO, José Luís. Economia do trabalho. In: CATTANI, Antonio Davi. (Org.) **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, sobre uma economia solidária capaz de garantir a reprodução ampliada da vida e a repensar o trabalho de forma solidária no espaço doméstico.

<sup>4</sup> Para pensar a pedagogia feminista: SILVA, Carmem. Os sentidos da ação educativa no feminismo. In: \_\_\_\_ (Org.). **Experiências em Pedagogia Feminista**. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2010. HOOKS, B.



**III CIFA**  
COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR  
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:  
TERRA, MÚLTIPLOS E SÓC. COMUNS

a fortalecer os conhecimentos produzidos pelas mulheres a partir de suas vivências, contextos e resistências.

---

**Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF, 2013. Sobre a epistemologia feminista trazem importantes contribuições: HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas – SP, n. 5, p. 7-41, jan. 1995. HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, Santa Catarina - ES, v 1, n 1, p. 7 – 32, jan./jun. 1993

5

Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do 3o Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, N° 3, 2020